

Uma grande ilusão...

ANDRADE FURTADO

Dentro da lógica dos inimigos do Catolicismo, o combate à Igreja, muitas vezes, se afigura um serviço ao progresso da humanidade.

Há ímpios, a cuja mentalidade, envenenada por tantos erros de educação, parece um bem o grande mal que fazem...

Nas horas de Deus, ilumina-se, então, o espírito obscurecido pelos preconceitos e pelos sofismas do século.

Agora mesmo, diante dos efeitos sinistros da campanha de bolchevização da altiva e cavalheiresca pátria do Cide, penitencia-se, acreditamos que sinceramente, um dos maiores responsáveis pela degradação intelectual da mocidade, que perdeu, nos ginásios e institutos de ensino superior, o verdadeiro sentido da vida.

Numa carta do célebre catedrático de Salamanca, professor Miguel Unamuno, a um socialista belga, transcrita no jornal «Rex», de Bruxelas, há eloquente e salutar confissão do execrando crime, porventura, determinante de uma atitude reparadora, que se impõe.

E' uma necessidade tornar conhecido êsse documento da mais palpitante relevância, que todo homem de pensamento precisa ler, meditando.

Não se obtém resultado favorável de transformações sociais empreendidas com absoluto e lamentável desconhecimento da nossa natureza racional.

Essas iniciativas desvairadas começam por subverter a própria consciência, gerando personalidades e produzindo acontecimentos, como os que se

contemplam no cenário de lama e fogo da Espanha atual.

Tem razão o professor Unamuno em asseverar que a salvação universal somente poderá ser assegurada por meio de reformas profundas. Tão sério encargo, porém, exige, antes de tudo, executores à altura das responsabilidades morais do empreendimento.

Urgem chefes capazes de trabalhar, honestamente, em proveito do povo.

«Aqueles que eu acompanhei—proclama o velho sociólogo europeu—não o conseguiram. Quis secundá-los, ajudando-os na elaboração da sua doutrina. Nesse afã, adquiri, vós o sabeis, uma reputação de insigne pensador, de que, aliás, aqui para nós, não sinto grande orgulho.

Pois bem, eu confesso que chorei. E chorei porque o meu país está ferido de uma desgraça imensa.»

O atribulado lente da famosa e antiga universidade castelhana não se exime da culpa, pela catástrofe que envolve de pesado luto todos os lares da sua martirizada nacionalidade.

Não esconde o simplismo primário, em ter pretendido libertar o gênero humano dos seus destinos imortais.

Revolta-se contra a imputação de ter traído, de ser um oportunista.

Não! Usa apenas um direito legítimo de procurar a verdade e o bem.

Que edificante propriedade de expressão!

«Não me envergonho de declarar que me enganei. Lamento ter enganado muitos outros.»

Adianta que nada ainda sofreu, nem na sua pessoa nem nos seus haveres, diante da luta cruenta para repelir a escravização da Ibéria ao imperialismo da U. R. S. S.

E' ele mesmo quem julga que o acaso é, muitas vezes, injusto... Enquanto tanta gente morre ou padece penas insuportáveis, sendo de todo inocente, um instigador das paixões em tropel passa incólume, em meio da borrasca espantosa!

«Eu pensei—diz Unamuno, tomado de horror— que se podia substituir, impunemente e mesmo útilmente, a velha tradição cristã pelo dogma do materialismo mais progressivo.

Batí-me por esta reforma. Conheci a prisão e o exílio. Mas quis ir até o fim da experiência...

Um dia, saudei com entusiasmo o advento da república espanhola. Era a aurora dos tempos novos. A Espanha ia reviver. E a Espanha esteve prestes a sucumbir. O marxismo conseguiu, em poucas semanas, levantar os cidadãos, uns contra os outros. Reino do ódio e da inveja, que fez desencadear os piores instintos. Chegamos a uma época de pilhagem e de assassínios. A nossa civilização ia ser aniquilada. Compreendeis, agora, o interêsse irresistível que inpele, hoje, o povo espanhol para expulsar do poder aqueles que o ludibriaram.

A geração presente faz-se no sangue e na dor. Como se fará ela, amanhã, em outros países!...»

Esta carta, divulgada, na Bélgica, pelo jornal de Léon Dégrelle, é de alta significação, como atestado insuspeito de falência completa da ideologia comunista.

Os frutos de uma árvore má aí estão a confundir os cultivadores dos germes abomináveis da mancinha de Moscou...

A missiva do filósofo peninsular termina com esta apóstrofe veemente:

«E' a vós que me dirijo, a vós que estais ainda com *elles*. Não tereis nenhuma repreensão a fazer-vos, no dia em que as casas do vosso país arderem e as crianças se matarem umas às outras, porque vós semeastes o rancor nos seus corações?»

O sonho de proporcionar a felicidade à sua cultura e gloriosa nação, por processos extremados do sovietismo, que faz tábua rasa dos valores espirituais, resultou nessa grande ilusão...

As consequências do tremendo equívoco constituem a maior hecatombe humana, registada nos anais da história contemporânea.

Sôbre ela derrama lágrimas tardias o mau pro-

feta, cujos augúrios falharam, e, ao invés, tanto contribuiu para a situação de que, irremediavelmente, foi, segundo reconhece, dos mais diretos propulsores, desencaminhando da senda do dever e da honra uma juventude pervertida pelos tóxicos violentos de teorias alucinantes, que barbarizam a sociedade e levam os governos ao caos da anarquia.

E' o terrível, inevitável esgarçamento da política sem Deus!
